

A AVALIAÇÃO ESCOLAR NA VISÃO DO SUPERVISOR PEDAGÓGICO

RESUMO

O presente artigo vem elucidar os momentos de diagnóstico e de novas aprendizagens que a avaliação escolar deixa transparecer em uma instituição de ensino. O papel do supervisor pedagógico é crucial para que a avaliação seja realmente significativa, tanto para o professor quanto para o aluno. Este novo supervisor precisa ter sensibilidade em mediar condições satisfatórias para que o ensino-aprendizagem realmente aconteça, sem exageros, sem pressões e punições.

Palavras-chave: Diagnóstico. Aprendizagem significativa. mediação e parcerias.

THE SCHOOL EVALUATION IN THE VISION OF THE PEDAGOGICAL SUPERVISOR

ABSTRACT

This article elucidates the moments of diagnosis and new learning that the school evaluation shows in an educational institution. The role of the pedagogical supervisor is crucial so that the evaluation is really meaningful, both for the teacher and for the student. This new supervisor needs to be sensitive in mediating satisfactory conditions so that teaching-learning really happens, without exaggeration, without pressure and punishment.

Keywords: Diagnosis. Meaningful learning. mediation and partnerships.

Recebido em: 03/12/2018 - Aprovado em: 31/03/2019 - Disponibilizado em: 15/07/2019

1-INTRODUÇÃO

Ao se propor a construção de uma proposta de avaliação da aprendizagem para o sistema educacional, é necessário que se reflita sobre as questões políticas, geográficas e socioeconômicas que são resultantes de uma história de luta e de emancipação de cada região. Hoje faz forte, independente e acolhedor, circundado por outras questões e com uma razão que favorece a

imigração e miscigenação de etnias, crenças, costumes e a cultura de um povo.

Para atentar a essas necessidades, exigem-se esforços coletivos para potencializar as diversidades, na busca de uma educação de qualidade e desenvolver o ser humano no âmbito social, político, econômico e cultural, o que impõe a necessidade de se ofertar uma educação respaldada em uma política inclusiva e democrática.

Nesse viés, a proposta de avaliação da aprendizagem, em consonância com a proposta curricular da Educação Básica, sugere uma avaliação que deve ser entendida como fonte de informação e referência para a formulação ou reformulação das ações pedagógicas, objetivando a formação integral do educando e o cumprimento da função social da escola, mediada pelo professor e supervisor pedagógico.

2-A AVALIAÇÃO ESCOLAR NA VISÃO DO SUPERVISOR PEDAGÓGICO

A discussão em torno da avaliação escolar não resulta em conclusões unânimes e consensuais. É possível dizer que, felizmente, isso ocorre. Assim, pois, permite que o assunto permaneça na pauta e mantenha seu vigor.

Na concepção de Luckesi (2001, p. 45), “avaliar é acolher o aluno no seu ser e no modo de ser para, a partir daí, decidir o que fazer. Isso implica na possibilidade de verificar uma situação da forma como se apresenta, para depois intervir”. Agindo dessa forma, o processo avaliativo será visivelmente progressivo.

Há tempos, o campo educacional tem colocado em debate a temática da avaliação, a tal ponto que incluiu pesquisas realizadas com docentes, discentes, equipe pedagógica e demais envolvidos no processo educacional, sendo assim, contemplados no centro de discussões pedagógicas. Neste contexto, a proposta não é configurá-la necessariamente como uma discussão rigorosa, mas incluí-la definitivamente como sendo algo provocador de mudanças, dando-lhe lugar para acontecer, caracterizando-a

como algo pertinente e necessário, e ainda conferindo-lhe importância e legitimidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 9º, Inciso VI, diz que a “União se incumbirá de assegurar o processo nacional de avaliação do rendimento escolar do Ensino Fundamental, Médio e Superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de propriedades e a melhoria da qualidade do ensino.” Já no artigo 24, inciso V, alínea a, ressalta que “a avaliação deve ser contínua e cumulativa em relação ao desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais”.

Porém, a atual posição adotada pela educação formal também poderá incorrer em erros e acertos, ou seja, sua imprevisibilidade perante os métodos adotados.

Moretto exemplifica a avaliação escolar como um meio eficaz de se avaliar o ensino:

Avaliando a aprendizagem, avalia-se o ensino, num processo contínuo, pois o que se pretende questionar com isso é a forma ensinada, sua adequação às várias maneiras de desenvolver as aprendizagens apresentadas na sala de aula, levando-se em consideração a contextualização e fatos históricos vividos pelos alunos que influenciam na sua forma de aprender. É necessário que o professor conheça as características do grupo como um todo, o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social e, a partir daí, organize condições adequadas para a aprendizagem, redirecionando o planejamento, dentro de seus

aspectos de flexibilidade, e suas estratégias de ensino, pois aprender é construir significados e ensinar é oportunizar esta construção (MORETTO, 2002, p.58).

Nas últimas décadas, proliferaram obras literárias sobre avaliação escolar. São inúmeros os autores, editoras e formas de apresentação sobre o tema. Essas obras literárias podem funcionar como auxiliares na condução dessa temática. Em outras palavras, a literatura disponível sobre esse assunto será mais bem aproveitada na medida em que é vista como um dispositivo propiciador de inovação.

Segundo Moretto (2002, p. 89), “para se ter sucesso no ensino é preciso que o professor, com o apoio do supervisor pedagógico, estabeleça claramente os objetivos ao preparar suas aulas.” Assim, analisando os conteúdos propostos e verificando se são relevantes para o contexto de seus alunos, considere as características psicossociais, graus intelectuais, capacidade de estabelecer relação do conteúdo ensinado com as situações do dia a dia.

Como apontado anteriormente, a avaliação escolar ocupa, atualmente, uma posição de destaque no âmbito escolar e fora dele. Muitas discussões são feitas sobre o tema, palestras e seminários são realizados para elucidar ainda mais o assunto. Deparamos-nos com várias inovações, estas visando, sobretudo, o sucesso no processo de aprendizagem do aluno.

Antes, a avaliação escolar era vista como sendo algo punitivo e massacrante. Os alunos eram vistos como receptores e essas só serviam para “promoverem” ou “reprovarem”. Vários

eram os desvios pedagógicos utilizando esse instrumento de forma equivocada.

A avaliação escolar era a vilã do processo educativo, desmotivando a aprendizagem e a assimilação dos conteúdos. O professor, em alguns momentos, com auxílio do supervisor, a utiliza como forma de punir seus alunos, seja pela falta de disciplina, atividades não realizadas, trabalhos mal elaborados ou mesmo para garantirem o respeito, medo e silêncio em sala de aula.

Para Moretto (2002, p. 16), “a avaliação é importante, pois os seus alunos poderão contribuir para uma análise reflexiva, no sentido de avaliar a eficácia de seu desempenho”. Com vista no exposto, a ação de avaliar requer muita atenção por parte do professor, do supervisor e da instituição escolar. Requer ajuda mútua entre os avaliadores e a consciência de que esta não pode ser feita apenas através de testes, avaliações ou exercícios, mas necessita ser pensado como algo que ajude o aluno a crescer, ampliar horizontes e desenvolver seu aspecto cognitivo, criativo e crítico em todas as suas etapas de desenvolvimento. Muito se fala sobre avaliação, mas ainda há pouco avanço. Ela deve ser considerada como algo que permite confirmar/fotografar a realidade em que se situa cada discente no desenvolvimento de seu aprendizado. Ela tem um papel altamente significativo na educação, tanto que pode-se afirmar que é a alma do processo educacional. É comum na comunidade acadêmica a consulta do aproveitamento dos alunos, seja através dos conceitos ou dos boletins, pois são indicadores de uma etapa vencida ou não, e de um processo qualitativo do conhecimento.

Surge a necessidade de a avaliação revelar-se como um intercâmbio de conhecimentos entre professores, supervisores e alunos. O saber, que muitas vezes só é construído pelo educador, precisa também ser revelado pelo educando e supervisor pedagógico.

Para a maioria dos educadores sempre ficará o desejo que a avaliação possa ser a “protagonista” da aprendizagem, a atriz principal capaz de provocar entusiasmo, esperança e busca de novos saberes.

A escola deve adotar estratégias para que os pais possam acompanhar o desempenho dos seus filhos, avaliando-os e favorecendo a autoavaliação de forma a se conscientizar da necessidade de mudança, visto que são partes integrantes do processo de ensino, pois esse não é somente o papel da escola, uma vez que os filhos têm como primeiro referencial os próprios pais, tomando-os como exemplo de valores morais. O diálogo deve ser a prática constante na relação escola → família, ressaltando os aspectos positivos, progressos e possibilidades de melhora. Os pais que participam das atividades escolares, inclusive da avaliação, valorizam mais os filhos, estreitando assim a relação de confiança, estimulando-os e incentivando-os a superarem suas dificuldades, favorecendo-os no crescimento como aprendiz e como pessoa. (LUCKESI, 2002, p. 98).

É indiscutível a nova roupagem para a avaliação. Ela deve ser realizada de forma contínua, com *feedbacks* permanentes, com caráter incentivador de etapas vencidas,

indicador de novas portas abertas; portas estas com o auxílio e de toda equipe pedagógica.

Em tempos passados, a avaliação era feita pelo professor e visava à seleção, classificação e reprovação. Processo que usava a exclusão social e silenciava as pessoas, suas experiências e desconsiderava o saber acumulado do aluno. Entretanto, o supervisor pedagógico precisa ter a capacidade de ajudar o professor através de grupos de estudo, formação continuada, discussões pedagógicas e auxílio nas atividades educacionais, convencendo-o de que é um guia, um mediador, um facilitador para que o aluno consiga construir seu próprio conhecimento, respeitando a individualidade, o desenvolvimento e a história de cada um.

O professor deve ser a ponte entre seus alunos e o conhecimento, deve elogiar seus alunos quando obtiver sucesso na aprendizagem, incentivar nas dificuldades e demonstrar interesse por eles, oportunizando aos alunos o desenvolvimento da aprendizagem.

Portanto, se o professor agir pensando em seu aluno, esse se sentirá mais seguro e confortável, conseqüentemente influenciará na aprendizagem. Para os alunos, é importante que o professor reconheça que seus esforços estão sendo satisfatórios e estão surtindo efeitos desejáveis. Para o supervisor, a avaliação também será muito importante, pois os resultados dos alunos poderão contribuir para uma reflexão sobre o professor e avaliar a eficácia do seu desempenho.

Entretanto, a avaliação é muito importante para que as pessoas envolvidas neste processo consigam conciliar aprendizagem e os conteúdos trabalhados. Assim, esta atingirá sua

função didático-pedagógica que é de auxiliar tanto o aluno, quanto o professor a obterem eficácia no processo de ensino e aprendizagem. Para isso, basta que seja conduzida no seu verdadeiro significado.

Referindo-se à avaliação, Oliveira (2002, p. 83) diz que “a avaliação não deve ser vista como uma caça aos incompetentes, mas como uma busca de excelência pela organização escolar como um todo”.

Refere-se que ao aplicar testes ou fazer observação, os professores devem usar como base o atual estágio de desenvolvimento do aluno. Ele deve ser visto como um ser em crescimento, buscando avanços e tendo suas limitações, além, é claro, de considerar as realidades diferentes e talvez até conflituosas do contexto familiar. Para isso, o docente, com a ajuda da supervisão, deverá possuir discernimento para conseguir lidar com seus alunos que são tão diferentes em todos os sentidos e podendo ser desprovidos de significados.

Cabe ressaltar que a avaliação deve ajudar tanto o professor, equipe pedagógica e o aluno a se autoavaliarem e, em conjunto, encontrarem uma forma de prosseguir na aprendizagem, mudando quando necessário os rumos da caminhada.

Através da avaliação, acontece uma intensa interação, primeiramente entre avaliado e avaliador, que juntos pensem no papel de cada um nesse processo; depois, entre a comunidade escolar como um todo.

Assim sendo, a avaliação serve para o supervisor, o professor e a instituição escolar como uma forma de acompanhamento da

construção do conhecimento do aluno, se este obteve êxito em sua aprendizagem e avaliar se alguma etapa ainda não foi vencida. Através desse acompanhamento, o supervisor fará um diagnóstico de cada aluno, possibilitando orientar seu professor, seja na retomada do conteúdo, no replanejamento ou no desenvolvimento de novos processos educacionais. Com isso, a avaliação possui uma função importantíssima: possibilita ao supervisor e professor identificarem, analisarem e avaliarem o contexto das atividades trabalhadas em sala de aula, permitindo a realização da “ação-reflexão-ação” de sua prática pedagógica.

Dessa forma, a avaliação faz parte de um processo dinâmico. Sendo garantida sua eficiência, será capaz de dar segurança ao supervisor, professor e ao aluno, pois refletirá a realidade. No processo avaliativo, deve existir tranquilidade ao realizá-lo e não deve fugir do propósito educativo.

Segundo a autora Hoffman (1993, p. 37), “a avaliação não pode ser segmentada e isolada do todo. Não basta saber o que interessa e se está usando em sua vida.” A autora evidencia a importância da avaliação como sendo um meio propiciador da aprendizagem para a vida. Consiste pensar que esta tem a capacidade de trazer novas direções para a vida do educando, no que tange sua aplicação prática na vida e na sociedade. É importante que se enfatize a avaliação como sendo uma forma de verificação individualizada, pois cada discente é um ser único e assim deve ser tratado.

Portanto, os conteúdos apresentados aos alunos e cobrados pela equipe pedagógica devem ser significativos e interessantes para o aprendiz,

capazes de modificarem sua visão perante o mundo que o circunda e capaz também de proporcionarem mudanças positivas para este mesmo mundo, já que vivemos numa sociedade cada vez mais carente de pessoas audaciosas e compromissadas com o bem-estar de si próprio e dos outros.

Nesta perspectiva, a avaliação é um meio eficaz e motivador para a aprendizagem no que diz respeito a ser um instrumento de auxílio que possibilita ao professor investigar o que deve ser feito para ajudar o aluno e levá-lo a melhorar sua aprendizagem, bem como seu desejo de buscar novos conhecimentos.

No que se refere ao aluno, Luckesi afirma (2002, p. 96) “a avaliação deve ser um instrumento de tomada de consciência de suas conquistas e dificuldades, e ao professor deve favorecer reflexão contínua de sua prática pedagógica, contribuindo com a construção de um planejamento que atenda as reais necessidades dos alunos”.

Outro fator relevante dessa problemática diz respeito à postura que o supervisor deverá ter em sua relação com o aluno. O supervisor precisa conhecer o contexto de seu aluno e criar um ambiente que o incentive a expressar sem medo suas dificuldades. Sabe-se, porém, que uma sala de aula é constituída por alunos com facilidade e outros com grandes dificuldades. Portanto, o supervisor deve possuir a capacidade de perceber essas limitações e buscar auxiliar os professores e alunos a refletirem sobre tais limitações e buscarem meios para se comprometerem com seus estudos, suas atividades e seus sucessos escolares.

Nesta perspectiva, o aluno consegue se libertar das amarras. Amarras do medo de pensar, do medo de errar, do medo de ser avaliado e do bloqueio de ser ele próprio. É uma prática em que o educando não precisará mais se defender de professores que “rotulam o aluno”. É necessário que o professor tenha alegria em ensinar e também em aprender. Que os responsáveis pelos alunos não tenham medo de pedirem ajuda aos professores.

Cabe ressaltar que o papel do professor é de educar. Educar é sinônimo de formar, ensinar, polir, construir, afinar, cultivar, desenvolver e aperfeiçoar. Lógico que não deve faltar a um educador o amor, a sabedoria, a paciência, o acreditar que seu aluno é capaz de construir seu próprio conhecimento tendo-o como mediador e incentivador.

Contribuir para que o professor não mais “rotule”, “marque”, massacre seus alunos. São seres humanos, plausíveis de erros e acertos, possuem histórias de vida, desejos e sonhos.

Citando um trecho do autor Luckesi (2001, p. 116), “a avaliação poderia ser compreendida como uma crítica do percurso de uma ação, seja ela curta, seja prolongada.” Uma mudança que subsidia a construção do conhecimento, através do desenvolvimento total do educando, tomando como base os dizeres do autor, necessário se torna não julgamento do aluno e suas dificuldades, mas sim na prática do supervisor. Vezes constam-se nas instituições escolares, professores preocupados apenas em cumprir com sua proposta pedagógica e esquecem dos outros meios de aprender e educar. Esquecem que também na escola se ensinam meios de se conseguir a aprendizagem efetiva e

afetiva. No entanto, muitos professores imaginam que só através de notas ou menções se avalia um aluno. Existem outras formas, como o acompanhamento contínuo das aprendizagens e das dificuldades, cooperação, resolução de problemas, pesquisa orientada, mudança de atitudes ou postura positiva perante um fato ou conhecimento. Há indícios que o aluno aprende muito mais quando se sente seguro e busca alternativas para sanar suas dificuldades, confia nos seus professores ou no seu método de avaliar.

A avaliação da aprendizagem deve levar em conta os objetivos propostos no planejamento do professor e ser feita continuamente através de trabalhos individuais e em grupos, provas subjetivas ou objetivas ou outros procedimentos pedagógicos, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, sempre. A aprendizagem do aluno que apresentar necessidades educacionais especiais deverá ser adequada ao seu nível de desenvolvimento, observando suas habilidades e competências, contando com a participação dos profissionais envolvidos em seu processo educacional e assim aprimorar seu conhecimento.

(HERNANDEZ, 1998, p. 48).

É preciso que o professor seja renovador ao trabalhar com o aluno, de forma a desenvolver integralmente suas capacidades, acreditando em si e que o direcione para o desenvolvimento total de suas potencialidades.

Nesta perspectiva, a avaliação deve ser aquela que se apresente nos sucessos e nos

avanços dos alunos. Com isso, ao final de cada aula, de cada unidade, o aluno refletirá o que aprendeu e o que não conseguiu assimilar. Através desse questionamento e das respostas, o professor constatará se houve aprendizagem. Esse questionamento deve ser feito a cada término de aula, o que implica em acompanhamento do professor em relação ao aprendizado do aluno.

Convém ressaltar que a avaliação é um instrumento fundamental para a construção de uma educação compromissada com a inclusão, é um instrumento essencial para promover o debate entre todos os envolvidos na mesma, um excelente antídoto contra o discurso vazio e preconceituoso, ainda presente na sociedade e na própria escola, de que é “natural que uns aprendam e outros não”. Essa concepção deve ser banida por todos aqueles que querem e buscam na avaliação um processo dinâmico, construtivo e necessário para a formação do educando.

3-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação é um instrumento valioso que se revela em todo o contexto escolar. Ela precisa ser bem usada e bem entendida.

A função crucial do supervisor pedagógico é de auxiliar o docente em relação às práticas pedagógicas, às metodologias e às questões que envolvem a dinâmica do ensinar e aprender. É necessário uma mediação significativa e envolvente para que tanto o educador quanto o educando se sintam

motivados para fazerem da avaliação um instrumento propulsor de novas descobertas.

Neste contexto é importante que o supervisor sensibilize o professor para entender que a avaliação é um momento rico de diagnóstico e de busca de novas alternativas do processo de ensinar/mediar o conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1997.

HERNANDEZ, Fernando. **A organização curricular por projetos**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 20. ed. revisada. Porto Alegre: Editora Mediação, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 2 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova – um momento privilegiado de estudo** – não um acerto de contas. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, João Batista de. **Aprender e Ensinar**. 4. ed. São Paulo: Global, 2002.

Gleicione Aparecida Dias Bagne de Souza

Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino da Universidade Vale do Rio Verde – UninCor.
